



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LETRAMENTO EM AMBIENTES *ONLINE* COMO PROCESSO DE INCLUSÃO DIGITAL DOS SUJEITOS JOVENS E ADULTOS

Amilton Alves de Souza; Gilberto Pereira Fernandes ¹

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Nesse artigo nos propomos a analisar práticas de letramentos em ambientes *online* como processo de inclusão digital e possibilidade de participação dos sujeitos educativos, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ambiente sociotécnico informacional, comunicativo e multimidiático, que se descortina. Nessa perspectiva, enxergamos as práticas de letramentos exercidas em ambiente *online* com mediação pedagógica ou atividade individual desatrelada de objetivos educacionais, como possibilidade de inclusão digital para aqueles que de alguma forma estejam excluídos socialmente de práticas de multiletramentos, por não terem condições de atender as demandas sociais sob a égide do capital. Para tanto realizamos um trabalho de campo junto a uma unidade de ensino, no município de Araçás-Bahia, com alunos do 8º e 9º do turno vespertino em laboratório de informática da unidade, com o propósito de que eles pudessem interagir em ambiente online com mediação dos pesquisadores a fim de responder a um questionário online, o qual contempla questões de acesso e interação por meio de interfaces da web a fim de contribuir com a discussão sobre a necessidade pensar os ambientes *online* como espaços que possibilitem inclusão digital. Neste sentido, nossa investigação utilizou a abordagem quali-quantitativa de pesquisa com viés reflexivo, para estabelecer uma relação entre letramentos digitais em ambientes *online* com vias à inclusão sóciodigital. A pesquisa abre novas perspectivas sobre o processo de interação online para atuação dos sujeitos de forma multirreferencial e ressignificativa das novas aprendizagens e saberes nesses ambientes, apropriando-se contextos para produzir multiletramentos.

Palavras-Chave: Ambientes *Online*, Inclusão digital, Jovens e Adultos, Letramento.

Introdução

O presente estudo surge a partir das leituras multirreferenciais e reflexivas e das inquietações no campo da inclusão/exclusão digital, vivenciadas por dois professores pesquisadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante o curso da Disciplina Inclusão Sóciodigital e EJA no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, promovido pela Universidade do Estado da Bahia.

As leituras e as discussões realizadas no âmbito da inclusão/exclusão Sóciodigital, bem como o relato das experiências dos professores implicados em discutir o tema durante a disciplina, suscitaram essa pesquisa de campo de cunho quali-quantitativo com viés reflexivo, sobre a atuação de Jovens e Adultos no ciberespaço, mediante as condições de acesso e participação na rede de computadores – a internet.

¹ Alunos do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mails: bragilgil@hotmail.com e amiltonalvess@hotmail.com.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O problema investigado está supracitado: Como as práticas de letramento em ambientes *online* podem promover a inclusão digital dos sujeitos educativos da EJA? Coadunam-se ao objeto alguns temas: as práticas de letramento em ambientes *online* como processo de inclusão digital; as possibilidades de acesso e participação dos sujeitos educativos, da EJA no ambiente sociotécnico informacional, comunicativo e multimidiático; interfaces para multiletramentos possíveis na rede.

Deste modo, a pesquisa teve como objetivo central analisar as práticas de letramentos em ambientes *online* como processo de inclusão digital e possibilidade de participação dos sujeitos educativos da EJA, no ambiente sociotécnico informacional, comunicativo e multimidiático, que se descortina.

Propõe-se como objetivos específicos: identificar os perfis dos alunos que usam o ambiente *online*, a fim conhecer melhor suas práticas de acesso e possíveis letramentos na perspectiva que a teia da rede propõe; conhecer as possibilidades de inclusão digital, partir de acesso aos ambientes *online*; perceber práticas de letramento possíveis a partir das convergências das mídias digitais, a fim de propor ações/atividades nesses ambientes com confluam em práticas de letramentos.

Para a realização da pesquisa, o principal instrumento utilizado foi um questionário elaborado em uma plataforma criada para elaboração de pesquisa *online* – SURVIO (www.survio.com) com a finalidade de levantar algumas questões relevantes para a discussão do tema. A pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal Miguel Santos Fontes no laboratório de informática com alunos do nível V (7º e 8º ano) nas classes de EJA do turno vespertino na Cidade de Araçás-Bahia.

1. Os desafios para o Letramento e Inclusão Digital na EJA

O avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) tem gerado certa incompatibilidade com o contexto histórico, sociotécnico e Educacional em que a Escola Brasileira está inserida. Tal aspecto vem sendo fortalecido pela necessidade de inclusão de ferramentas de natureza tecnológicas que demandam a utilização de novas linguagens e práticas de multiletramentos através da adoção de novos paradigmas que fujam do paradigma de transmissão de conhecimentos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Os ambientes *online* têm característica e princípios compreendidos a partir de condicionantes sociais e culturais que favorecem o uso das TIC na produção, difusão e acesso da informação, tendo as aprendizagens como processos fundantes nas práticas de letramentos, isso porque estes tipos de ciberespaços “como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento” (LÉVY, 1999, p. 29).

É importante refletir sobre os ambientes *online* como espaços possíveis e não determinantes do acesso à inclusão na cibercultura. Os homens ao longo de sua história vêm produzindo conhecimento, que se constrói nas experiências mediatizadas no mundo por meio de seus saberes sociais construídos nas experimentações e conhecimento científica.

A sociedade nesses dias é marcada pelo acesso às comunidades virtuais, espaços digitais, acesso ao telefone, computador etc., contudo, as habilidades peculiares ao letramento realizados nas experiências de leituras no papel e as incursões *online*, seguindo os mesmos preceitos da pedagogia de transmissão já não parecem suficientes para que as pessoas usufruam adequadamente do cenário midiático instaurado.

Fazer amplo uso das mídias digitais em favor da aprendizagem dos sujeitos, exige um letramento digital, e implica no desenvolvimento de estruturas cognitivas bastante complexas. No contexto da Educação Brasileira do ponto de vista da inclusão digital para o letramento com imersão em ambientes *online*, ainda são encontradas inúmeras dificuldades, nas práticas de letramento digital institucionalizadas no contexto da EJA.

Os jovens e adultos costumam ver a escola como principal agência de alfabetização e conseqüente letramento, em decorrência disso, com aderência dos recursos tecnológicos, esperava-se que a escola assumisse o campo da virtualidade, o que não vem ocorrendo, nem mesmo a tão almejada instância de busca de conscientização das necessidades específicas dos letramentos diante dos desafios da virtualidade. “Se há um consenso acerca das conseqüências sociais sobre o maior acesso à informação é que a educação e o aprendizado permanente tornam-se recursos essenciais para o bom desempenho no trabalho e o desenvolvimento pessoal dos sujeitos” (CASTELLS, 2003, p. 211).

Essa nova lógica de ensino-aprendizagem requerida pela era da informação contrasta com a carência de formação e preparo dos professores e demais profissionais envolvidos no processo educativo, no sentido de promover práticas de ensino-aprendizagem que considerem as TIC como possibilidade de inclusão sócio digital.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ao fazer uma análise crítica sobre a consolidação, nos anos 90 no Brasil em relação aos projetos de inclusão digital, Bonilla e Oliveira (2011) afirmam que eles entram em cena na dinâmica da sociedade da informação, em Países da União Europeia. O principal objetivo seria a criação em escala mundial de uma “Sociedade da Informação”. Para tal, surgem os “Programas para a Sociedade da Informação” empreendidos pelos organismos internacionais, como objetivo de contemplar a todos.

Embora, não queiramos entrar no mérito dessa questão, por não ser objetivo desse excerto, reconhecemos que a proposta descrita, inicialmente possui um caráter ousado, porém ingênuo, pois sabemos que a condição de acesso e utilização com vias pedagógicas nem sempre ocorre, havendo certa discrepância na proposta de inclusão.

Para evidenciar isso trazemos o argumento dos autores que caracterizam as dificuldades de acesso no país no âmbito dos contingentes populacionais e afirmam que as desigualdades vêm sendo denominadas como “digitais *divide*, *gap* digital, *apartheid* digital, *infoexclusão*, ou exclusão digital, e têm justificado a formulação de numerosas políticas públicas com a finalidade de minimizá-las”. (BONILLA E OLIVEIRA, 2011, p. 24).

Alguns países implementam os programas de inclusão digital com base em políticas públicas compensatórias. Os autores apontam que o termo inclusão digital tem uma relação direta com seu antagônico, exclusão digital. Alguns teóricos tomam essa discussão:

Castells (1997) apud Ferreira, (2002) aponta que o uso da noção de exclusão, no âmbito das políticas públicas, permite a adesão à políticas que tratam os problemas sociais como adendos, e também como fatalidades, atreladas a questões político-econômicas, as quais tratam a exclusão como 'resíduo necessário', no contexto, mundo “globalizado”.

Ferreira (2002) argumenta que o termo exclusão é tratado de forma fragmentada e autônoma, sem articulação com os contextos de origem ou com as relações e efeitos políticos associadas, esvaziando o conflito presente em torno de cada problemática.

Ribeiro (1999) também se preocupa com as questões sociais e caracteriza o termo pressupondo uma dualidade e elasticidade das relações sociais, de forma que os excluídos seriam todas as pessoas “fora do social”.

Martins (2003) caracteriza a exclusão como um conjunto de dificuldades, precarização, e não participação social de sujeitos que estão à margem da sociedade e ao mesmo tempo com a ideia de substituição do termo exclusão por outros menos contraditórios como *desfiliação social*.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Castells (2003) que relaciona o termo exclusão social não a uma categoria de análise, e sim a uma problemática social movida pela condição de vida, para ele, a inapropriação do texto está diretamente relacionada ao fato de que os ‘excluídos’ não estão fora da sociedade, e sim dos seus projetos; e por isso ele caracteriza como *desqualificação social*.

Paugam (2003) traz à discussão os estigmas relacionados às condições de vida degradadas ou precarizadas de complexidade teórica na medida em que não é apenas uma forma de se referir a velhos problemas, mas aponta para a temática da chamada nova pobreza; *apartação social*.

Buarque (1994) coloca o processo de exclusão como *apartheid* social – o que segundo o autor, são as diferenças assumidas por pobres e ricos em relação aos pobres; a aceitação da miséria ao lado, com o cuidado de se construir mecanismos de separação.

Gilson Schwartz (2006, p. 2) propõe o “conceito de emancipação digital como forma de potencializar os resultados obtidos pelos projetos tradicionais de inclusão digital ou mesmo para redesenhá-los”. Para ele as políticas públicas direcionadas à inclusão digital revelam diversos equívocos conceituais e políticos das ações realizadas pelo poder público.

2. Saberes e fazeres em Letramentos Digitais na EJA

Tomaremos de empréstimo as concepções de Rojo, Soares e Kleiman, para dialogar com as concepções de letramentos no âmbito da escola, que a nosso ver até então, associa a ideia de letramento às práticas de leituras em intertextos impressos e não em contexto digital, as quais acreditamos, já se encontra em construção.

Para nós, o letramento deve ser visto na perspectiva cultural e sendo assim precisamos valorizar o saber que nossos jovens e adultos levam para o espaço escolar. Para Kleiman (1995, p. 81) letramento é “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

O letramento é construção social do indivíduo, anterior à escola, permite aos sujeitos exercitar o ato de ler e escrever, a partir de suas experimentações; é a própria relação de saberes que os sujeitos têm no e com o mundo. Para Soares (2000, p. 47) “letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

No campo dos ambientes *online*, o letramento pode ser percebido como uma construção, e essa construção, é realizada a partir de algumas categorias: as práticas sociais, os usos da escrita e da leitura, a relação professor e aluno, etc. O professor, na construção do letramento em sala de aula precisa estabelecer conexões entre os saberes em produção com os já construídos. Para Rojo (2012, p. 36), a ideia de letramento:

[...] abre o horizonte para compreender os contextos sociais e sua relação com as práticas escolares, possibilitando investigar a relação entre práticas não escolares e o aprendizado da leitura/escrita. Se este é um fenômeno social, devemos trazer para o espaço escolar os usos sociais da escrita e considerar que a vivência e a participação em atos de letramento podem alterar as condições de alfabetização.

Na perspectiva emancipatória da EJA, precisamos compreender, reconhecer e perceber que o letramento é estruturado a partir das experimentações sociais e culturais dos sujeitos no e com o mundo. Como já salientamos anteriormente, letramento é resultado das experimentações sociais, culturais, econômicas etc., dos sujeitos com o/e no mundo.

Nesta perspectiva, “letramentos” são as experiências sociais das mais diversas e plurais linguagens tendo a informação e comunicação como movimentos que ressignificam a leitura e a escrita. A escola como instituição social, precisa se preparar para não negar as experimentações sociais, fruto da nossa cultura de massa carregada de diversidade e letramentos, “entendidos na perspectiva multicultural (multiletramentos), ou seja, diferentes culturas, nas diversas esferas, terão práticas e textos em gêneros dessa esfera também diferenciados” (ROJO, 2009, p. 111).

No caso específico das TIC digitais essa negação é pior, por não reconhecer os novos aparatos e mídias utilizadas pelos sujeitos em seus espaços e tempo, a exemplo das redes sociais, whatsapp, e-mails, salas de bate papo, canais de áudio e vídeo etc. A prática da maioria das escolas é de transmitir, codificar e copiar, num intenso movimento de repetição.

O letramento digital é construído a partir das novas formas de escrita e leitura que tem como interface as mídias digitais ou as tecnologias digitais. Soares (2002, p.151) afirma que letramento digital é “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição [...] de leitura e escrita no papel”.

O acesso aos ambientes *online* integrando as múltiplas mídias e letramentos ajudam a possibilitar uma nova forma de aprendizagens, mas desde que haja a construção ativa do sujeito jovem e adulto a partir de interações, produção colaborativa e socialização do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conhecimento tendo os diapositivos tecnológicos como ferramentas de melhoria da leitura e escrita.

O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro (CHARTIER, 1998, p. 88-91).

Essa nova dinâmica de letramento que tem contribuído com o rompimento com as formas conservadoras de ensino e aprendizagem. Não estamos falando em negar nenhuma pedagogia de aprendizagem ou substituir uma pela outras, mas é preciso que em nossas escolas possamos possibilitar nossos alunos a não serem mais espectadores - leitores, mas autores - leitores e vice - versa, e neste caso, o texto digital, hipertexto, hiperlinks e as mídias digitais são interfaces facilitadoras e mediadoras para que os nossos sujeitos ocupem estes novos espaços autoria.

3. A Pesquisa e as possíveis indexações a letramento digital

A partir da pesquisa de campo realizada em laboratório de informática com alunos das Turmas de Jovens e Adultos do turno vespertino da Escola Municipal Miguel Santos Fontes, em Araçás-Ba, algumas informações foram coletadas junto aos alunos, da turma do Nível V (7ª e 8ª ano). A aplicação se deu no laboratório de informática da referida unidade.

A visita de campo foi realizada no dia 10 de setembro de 2015, as 19h00min e durou pouco mais de uma hora. Apresentamo-nos a turma, falamos do objetivo da pesquisa, e em seguida lemos os critérios necessários estabelecidos na pesquisa. Vale ressaltar que é uma turma de 52 alunos matriculados, mas só frequentam 35, dos quais predominam as mulheres, de 18 a 57 anos.

Após explicarmos os critérios para participação da pesquisa apenas seis alunos, se colocaram a disposição e foram junto conosco para o laboratório. Vele salientar que alguns estavam inseguros e até mesmo assustados com a proposta, preocupados em dar os seus e-mails, outros acharam perca de tempo e outros se esquivaram por não possuir e-mail.

Já no laboratório deixamos propositalmente que os mesmos ligassem as máquinas, a fim de perceber se havia proximidade com o computador. De posse dos e-mails encaminhamos o *link* do questionário. Durante este momento dois e-mails retornaram



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

apresentando erro e os participantes não se lembravam ao certo da senha, ou mesmo o *login*. No caso desses alunos, resolvemos abrir nosso e-mail e a partir dele solicitar que cada um, fosse clicando no *link*, a fim de responder o questionário.

Em seguida conversamos com 4 professores explicando o objetivo da pesquisa e lançamos o convite a eles se os mesmos aceitariam participar da pesquisa respondendo o questionário. Os mesmos aceitaram e nos deram seus e-mails, a fim de que pudéssemos enviar o *link*. Enviamos o *link*, mas acharam por bem responder em casa. No entanto, não utilizamos os dados fornecidos pelo professor, uma vez que, dos 4 sujeitos que se comprometeram a responder o questionário, apenas um o fez. Para conhecer o perfil de acesso e instrumentos que os alunos envolvidos na pesquisa usam para navegar na web, construímos um questionário *online*.

Na questão 1, os alunos poderiam optar por pontuar de um a dez para a importância de usar o computador na leitura de textos escolar, e também para informar-se. A média foi 8.2, o que indica que apenas um aluno enxerga o computador como ferramenta para leitura.

Na questão 2 perguntamos aos alunos sobre quais das ferramentas tecnológicas eles tem acesso; percebemos que 4 deles tem acesso ao computador de mesa, metade tem *notebook*, 2 tem tablete, 5 tem *smartphone* e também *celular comum*, o que significa que comparam um novo celular por conta das questões de acessibilidade a *internet* e aplicativos que o telefone comum não contempla. Nenhum dos entrevistados tem *iPad*; 4 tem acesso a TV por assinatura e apenas 2 tem *video game*.

Em relação ao acesso a internet percebemos que 66,7% dos entrevistados o fazem diariamente e durante um longo período. Quando questionamos sobre a que tipo de uso eles fazem desses dispositivos em que ambiente eles navegam, percebemos que a predominância são: o aplicativo do *whatsapp*, as redes sociais, o canal de video do youtube.

Em relação a predominância e frequência de visita aos ambientes online, aparece o *facebook* como principal, com 75% dos entrevistados interagindo diariamente, no mesmo patamar o youtube; 75% dos entrevistados também usam o instagram e *chats* de bate-papo; as outras redes apresentadas não são conhecidas por esses internautas.

Na 5ª questão perguntamos: Se tivesse que escolher entre duas alternativas de atividades possíveis na internet o que você preferiria? As opções colocadas foram: ler um texto x ler um anúncio publicitário, dois alunos optaram por ler um texto e os outros quatro



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pelo anúncio publicitário, isso porque a leitura de textos muito grandes na tela ou mesmo textos pequenos; já o texto publicitário é mais atrativo.

Quando colocamos em pauta as redes sociais e os aplicativos, 50% dos entrevistados preferem escrever no *whatsapp*, uma vez que o *facebook* traz, muitas distrações e o bate bato ficou mais interativo, segundo os alunos, no aplicativo. Entre assistir vídeos no *youtube* e assistir filmes *online* o grupo se dividiu, de modo que caracterizou que há uma prática de ambos.

Um dos aspectos que mais chamou a atenção foi o fato de que 50% dos alunos preferem bater papo em *chats*, fazer uso de *Skype*, a jogar *online*.

Quando foram solicitados a apontar uma ferramenta da *internet* e dizer como eles a utilizam para leitura e escrita, foi unanimemente o *facebook*; nem mesmo as páginas de pesquisa, *blogs*, *sites* sobre temas diversos e plataformas *online* foram lembradas, isso demonstra que a escola não vem utilizando esses recursos em suas práticas pedagógicas.

Considerações Pontuais

A pesquisa possibilitou compreender que as práticas de letramentos em ambientes *online* como processo de inclusão digital dos sujeitos educativos da EJA pode se constituir como suporte à melhoria na elevação da qualidade da leitura e escrita nas turmas do Fundamental II da Escola Municipal Miguel Santos Fontes. Essas práticas devem apresentar elementos de conectividade, interface hipertextual em ambientes *online* e integrar os mais diversos instrumentos multimidiáticos.

O acesso aos ambientes *online* integrando as múltiplas mídias e letramentos ajudam a possibilitar uma nova forma de aprendizagens, mas desde que haja a construção ativa do sujeito jovem e adulto a partir de interações, produção colaborativa e socialização do conhecimento, tendo os diapositivos tecnológicos como ferramentas de melhoria da leitura e escrita. Reconhecemos que não basta ter acesso aos dispositivos tecnológicos para que os ambientes online contribuam com as práticas de letramentos e da melhoria destas, é necessária uma imbricação entre os sujeitos: educador e educando, a fim de ressignificar a interação, tendo as experiências como fundantes na contribuição nas práticas de letramentos.

Salientamos que as práticas de letramentos em ambientes *online* é uma das possibilidades para promover a inclusão digital, pois pode contribuir para que os sujeitos da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EJA possam acessar outras leituras e construir outras possibilidades de escrita, a fim de ressignifiquem os saberes adquiridos fora destes espaços.

Neste sentido será possível promover a inclusão digital do acesso, produção e difusão dos saberes, mas reafirmamos que não basta o acesso, mas compreender que a finalidade do uso e a sua intencionalidade podem ser fundantes neste processo. Recomendamos neste sentido, que os sujeitos construtores deste processo formativo em ambientes *online* devem se preparar para atender as exigências dos novos contextos pedagógicos sociotécnico informacional, comunicativo e multimidiático.

Sugerimos que as escolas possam ressignificar e repensar os planejamentos pedagógicos e a formação continuada dos professores, incentivando o uso dos dispositivos tecnológicos com a finalidade de valorizar as mais diversas práticas de letramentos ao promover a articulação entre dispositivos tecnológicos, leitura e escrita, podendo possibilitar à cooperação, o processo interativo, a problematização, a escrita colaborativa, a leitura hipertextual, além da construção do saber coletivo.

Referências

BONILLA, Maria Helen Silveira; OLIVEIRA, Paulo Cezar Souza de. Inclusão Digital: ambiguidades em curso. In: BONILLA, Maria Helen Silveira; PRETO, Nelson de Luca (org.) **Inclusão digital: polemica contemporânea**. Salvador, EDUFBA, 2011, v.2.

BUARQUE, Cristóvam. **O que é apartação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASTELLS. Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro**. Tradução de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

FERREIRA, Mônica Dias Peregrino. **As armadilhas da exclusão: um desafio para a análise**. 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/monicaperegrinoferreirat06.rtf>>.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PAUGAM, Serge. **Desqualificação social**: ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo: Cortez, 2003.

RIBEIRO. Marlene. **Exclusão**: problematização do conceito. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 35-49, jan./jun. 1999.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCHWARTZ, Gilson. **Educar para emancipação social**. 2006. Disponível em: <<http://www.reescrevendoaeducacao.com.br/2006/pages.php?recid=41>>.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.